1924 MAIO A AGOSTO N.º 20

INSTITUTO DE MISSÕES COLONIAIS

SERNACHE DO BOMJARDIM

BOLETIM DAS Missões Civilizadoras

DIRECTOR — Abilio Marçal

«O Instituto publicará um boletim destinado á propaganda da nossa acção civilizadora, a tornar conhecidos os trabalhos dos seus agentes e á discussão dos altos problemas de colonização. Será dirigido pelo director, com a colaboração obrigatoria de todos os professores.»

(Decreto de 8 de Setembro de 1917, artigo 18.º)

Tip. do Instituto
SERNACHE DO BOMJARDIM

SUMARIO

PAG.

Alvaro de Bulhão Pato 1
L'effort portugais em Afrique — Dr. L. Tanon . 5
Alto Comissario de Moçambique 10
Governador Geral de Moçambique 10
Macau pitoresco — Manuel Antunes Amor . . 11
Norton de Matos 15
Alto Comissario de Angola 16
Governador geral de Angola 16
Movimento das Missões 17

CORRESPONDENCIA DAS MISSÕES CIVILIZADORAS:

Da Missão «Candido dos Reis» — Marcelino Nunes Mendes 21
Da Missão «Lusiadas» — Rafael Marques . . . 23
Da Missão «Duarte Pacheco» — Joaquim Antonio de Oliveira 27
Da Missão «Patria» — Joaquim J. de Sousa . . 28
Da Missão «Oscar Torres» — Manuel Correia da Silva 32
Da Missão «Republica» — Antonio Ribeiro Vaz . 34
Movimento da Missão «Patria» 36
A nossa acção civilizadora 37

INSTITUTO DE MISSÕES COLONIAIS:

Resultado dos exames do curso geral dos Liceus (alunos aprovados) 38

BOLETIM
DAS
Missões Civilizadoras
DIRECTOR — ABILIO MARÇAL

N.º 20 | Maio a Agosto | 1924

Alvaro de Bulhão Pato

O actual Ministro das Colonias é um velho e intemerato republicano, que á República tem consagrado todas as suas energias e todos os seus carinhos, com a fé e com o entusiasmo que dominou e apaixonou os domolidores do antigo regime e com a tenacidade e a ponderação dos que tiveram de organizar e consolidar o actual.

O seu campo de acção foi esse prolongamento da patria portuguesa que se chama os Açores.

O ridente arquipelago era, em verdade, de tradições liberais, e nobremente o afirmou na implantação do constitucionalismo, o que foi já, e sem duvida, uma béla conquista e um grande passo dado no caminho que nos havia de conduzir á República.

Mas os Açores conservavam-se fieis ao constitucionalismo um pouco apaixonadamente e, porventura, legitimamente orgulhosos duma cooperação mais activa que na lucta tiveram e da honrosa comparticipação que indiscutivelmente lhes coube no seu triunfo.

A reação era consistente: mais consistente e presistente tinha de ser, e foi, a acção demolidora, e presistente e inquebrantavel o ardor e o espirito de sacrificio dos propagandistas dum ideal mais avançado.

Foi na ilha Terceira, onde era o director da alfandega de Angra do Heroismo, o posto de propaganda e de combate de Bulhão Pato.

A sua campanha jornalistica foi memoravel. Ao mesmo tempo que se revelava um propagandista integro e audaz, afirmava-se um jornalista vigoroso e de largos recursos.

Os seus artigos liam-se com agrado e, assim, o ideal começou a penetrar nos animos, a abalar resistencias e a fazer prosélitos.

Esses belos artigos foram publicados em volumes, um com o titulo *O Tempo* e outro com o sugestivo titulo de *Na brecha*.

Béla recidiva!

As edições esgotaram-se.

A terra começava, alfim, a receber a semente, que pouco depois havia de frutificar.

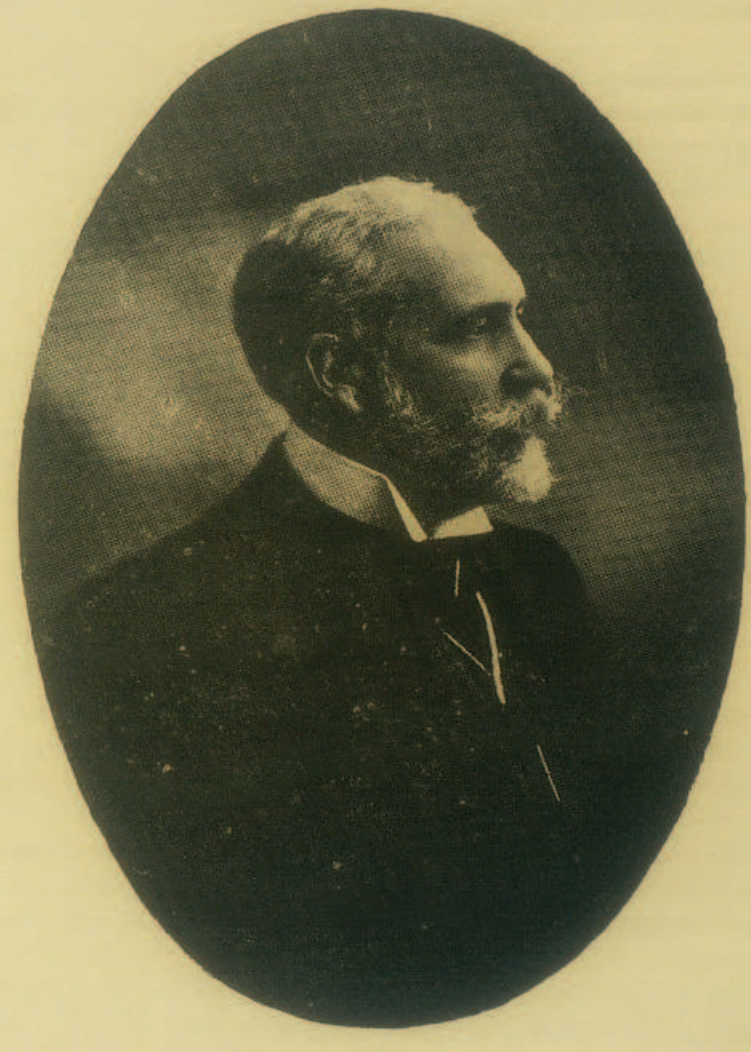
Proclamada a República, foi logo nomeado presidente da câmara municipal e investido em outras funções de severa responsabilidade e confiança, a que êle bem soube corresponder com admiravel bom senso e inteligencia.

O demolidor da vespera transmudou-se em organizador, ponderado e dedicado, tolerante e energico, lançando, emfim, as bases da organização dum regime novo, que se afirmasse bem republicano e bem diverso do regime passado, mas sem violencias nem represalias.

Algum tempo depois foi o sr. Bulhão Pato transferido, como director de alfandega, da de Angra para a de Lourenço Marques.

Ali afirmou mais uma vêz as suas faculdades de trabalho e inteligencia, transformando as alfandegas de Moçambique e, nomeadamente, a de Lourenço Marques, em organismos verdadeiramente modelares, aptos a desempenharem a alta função fiscal e economica que lhes pertence, sobretudo no jogo de interesses sul africanos, que se prendem e colidem com os daquéla nossa provincia.

Mas não foi só no exercicio das suas funções fiscais que êle exerceu a sua valiosa acção na transformação e progressos daquela provincia: exerceu-a tambem util e proficuamente, pela sua palavra, por todos considerada e respeitada, e pelo seu voto, sempre reflectido e justificado, nos Conselhos de Govêrno e Legislativo.



Alvaro de Bulhão Pato

Ministro das Colonias

E exerceu-a tambem, e não menos brilhante e utilmente, pela imprensa, defendendo com ardôr e infatigavelmente os grandes interesses da colonia e versando com assinalada competencia os magnos problemas que ao seu ressurgimento interessam.

Foi assim que êle fez e prestigiou um nome que veio a impôr-se ao sufragio eleitoral. Na eleição suplementar a que recentemente se procedeu naquela colonia, Moçambique elegeu-o seu representante no Senado, onde logo marcou distintamente o seu logar, nas comissões como relator de pareceres importantes, e na câmara como orador de firme argumentação.

*

Conheço o sr. Bulhão Pato de mui recente data — desde a sua entrada no Parlamento.

A sua figura, aprumada e grave, chamou a minha atenção, Um amigo comum, deputado tambem por Moçambique, fêz então o elogio das suas excelentes qualidades. Não exagerou.

Acontecimentos politicos, ocorridos pouco tempo depois, pozeram-nos em contacto mais proximo e em colaboração mais intima, em incidentes referentes á superior governação da República.

Nesse convivio de alguns dias conheci e apreciei então os primores da sua correção e do seu são criterio e a sua viva inteligencia. Essas qualidades o indicaram e impozeram logo para o logar que hoje ocupa, para o qual não meteu memorial nem se insinuou — posso afirma-lo!

Opôz uma honesta recusa emquanto viu no convite sómente uma distinção: aceitou, com modestia mas sem reservas, quando lhe disseram que era um serviço mais a prestar á República.

E aí o está a prestar, servindo distintamente o seu país no exercicio do seu elevado cargo, com inteligencia, que cada vêz mais brilhantemente se revéla, com patriotismo, que todos lhe reconheciam e com uma energia que muitos lhe duvidavam, mas que êle tem afirmado com serenidade e com decisão.

Assuntos importantes, e alguns bem melindrosos, que o seu antecessor teve de lhe deixar por motivo da sua quéda precipitada, aí estão resolvidos com geral aplauso.

Não está realizando um grande plano de administração colonial, que certamente o não tinha elaborado, nem as circunstancias do momento lh'o pediam ou lh'o permitiam, mas está dirigindo o govêrno e a administração das nossas colonias com uma grande ponderação, com critério seguro e com incançavel actividade, e demostrando bem eloquentemente que o problema colonial em nenhum dos seus aspectos lhe é alheio e nenhum deles, em sua natural evolução, escapa ao seu apurado espirito de previsão.

Não sabemos se as contingencias da vida politica do país, tão varia e caprichosa e tão cheia de imprevisto, lhe permitirão uma longa êxistencia ministerial, mas o que sabemos e bem pressentimos é que nessa hora de mudança de governo, quando éla soar, êle sairá, mas não *cae*...

Não se gastou nem se diminuiu—afirmou-se e marcou!...

*

Tambem o problema da colonização, tão complexo e tão integrado na grande obra de realizações que mais proximamente se nos impõem, não tem sido extranho ao seu estudo e aos seus cuidados, e num dos seus aspectos, porventura o mais delicado e o mais instante, nós o vimos já vivamente interassado, revelando a tal respeito estudo e orientação e dêle bem conhecedor até em seus detalhes.

Referimo-nos á magna causa da civilização dos nossos dominios coloniais.

E ao render esta justa homenagem ao ilustre titular da pasta das colonias, não podemos deixar de memorar com vivo reconhecimento a afectuosa gentileza com que êle se dignou receber as missões que ha poucos dias tivemos a honra de lhe apresentar, horas antes da sua partida para Moçambique, e o interesse que tomou pelos seus destinos, as palavras de incitamento e estimulo que lhes dirigiu e a proteção que tão entusiastica e carinhosamente lhes prometeu e logo começou a efectivar nas instruções que em seguida fez transmitir telegraficamente ao sr. Governador Geral daquela nossa provincia.

L'effort portugais en Afrique

SOB este titulo publicou a excelente revista francesa *Cronique de l'Institut Colonial Français* um interessante artigo sobre a nossa provincia de Angola, com elogiosas referencias ao nosso esforço colonizador e em especial á grande obra naquela colonia realizada por iniciativa do seu Alto Comissario, general Norton de Matos.

L'œuvre que le Portugal a accomplie dans ses colonies n'est pas toujours appréciée comme elle le merite, diz com muita verdade o artigo.

E' infelizmente assim.

E os que mais diminuem e desdenham essa obra e mais concorrem para o erro com que nos apreciam e para as injustiças que padecemos, somos nós proprios, ao mesmo tempo, pelo nosso séstro e pela nossa ignorancia.

Por via de regra, o conhecimento das nossas proprias virtudes vem-nos do estrangeiro.

E' sempre preciso que de fóra nos digam o que nós temos e valemos.

A nossa tendencia é incorrigivelmente para nos amesquinharmos e nos diminuirmos a nos proprios.

O artigo é assinado pelo doutor Tanon, o sabio professor da Faculdade de Medicina de Paris, grande homem de sciencia *doublé* de colonial distincto.

La Chronique, fazendo a publicação do primeiro dos seus artigos — o segundo referir-se-ha a Lourenço Marques — precede-o das seguintes elogiosas referencias:

«*Não carecemos de apresentar aos leitores da «Chronique» o professor Tanou, que nestas colunas tem publicado artigos de sciencia e mui interessantes correspondencias.*

«*Lembraremos especialmente dos seus trabalhos aqui publicados, o seu relatorio sobre o Congresso Medico de Marselha e o seu estudo sobre a lucta empreendida nos Camarões contra a doença do sono, que ele ali foi estudar e acompanhar.*

«*Foi daquele territorio, hoje sob o mandato administrativo da França, onde a sua missão o havia levado no ultimo ano, que o sabio professor, correspondendo ao convite dos seus colegas da vezinha colonia portuguesa, se dirigiu para Angola e dali a Lourenço Marques.*

«*São as suas impressões fixadas nessa viagem através as colonias portuguesas, tão interessantes e tão lisongeiras para os nossos aliados e amigos na Grande Guerra, que o devotado patriota e distinto colonial confia a este jornal.*

«*Prova de estima e consideração mui penhorante, que os nossos leitores nos saberão agradecer, acompanhando-nos nas felicitações que enviamos ao bom amigo desta casa, sabio modesto, tão dedicado aos grandes interesses do seu pais.*»

I — ANGOLA

A obra que Portugal vem realizando nas suas colonias nem sempre tem sido apreciada com justiça.

Este pais, que tão glorioso é pelo seu passado e que tão generosamente nos acompanhou na Grande Guerra, tem nos ultimos três anos dado um novo incremento ás suas duas grandes colonias de Africa — Angola e Moçambique.

Interessante seria, a muitos respeitos, ir observar no proprio local o que ali se tem feito.

O primeiro Congresso de Medicina Tropical da costa ocidental de Africa, que reuniu em S. Paulo de Loanda muitos medicos de Paris, das colonias francesas e portuguesas, do Congo belga e da União Sul-Africana, sem contar os portugueses,(*) permitiu-nos, aos meus cólegas Brumpt e Jooyeux e a mim, delegados da Faculdade de Medicina e do Instituto de Medicina Colonial, apreciar essa obra nas suas grandes linhas.

(*) Este Instituto de Missões Coloniais foi nesse Congresso representado pelo seu inspector sanitario, Sr. Dr. Eurico de Almeida.

No proximo numero nos referiremos a essa representação em que o ilustre clinico mais uma vêz se afirmou brilhantemente como homem de sciencia, agora, pelas funções do seu cargo, mais dedicado a trabalho de medicina e higiene colonial e á educação dos seus discipulos, pelos quais pretende melhorar mui eficasmente as condições higienicas do preto. Esse ponto de vista do problema constituie uma das teses que apresentou ao Congresso.

*

* *

O Congresso reuniu ali delegados das grandes potencias coloniais africanas — França, Belgica, Portugal e União Sul-Africana. A Africa ocidental francesa estava representada pelos drs. Leger Heckenroth e Nogue: os Camarões pelos srs. Tanon, Jamot, Robineau: a Africa equatorial francesa pelo seu director dos serviços de saude M. Vassol, por M. Blanchard, etc. O Congo belga enviou tambem o seu director dos serviços de saude, M. Rodain, e grande numero de medicos seus colaboradores: a Africa do Sul enviou M. Mitchell.

Portugal com as suas colonias, estava largamente representado, e o numero de téses inscritas mostrou bem quanta importancia se havialigado a esta reunião, a primeira duma serie de congressos coloniais a reunir na propria Africa.

As questões a ventilar deviam ocupar seis sessões que mal chegaram para esgotar a ordem do dia, muito sobrecarregada.

A primeira tése foi consagrada á *Assistencia medica indigena* e ai cada director de Serviço de Saude expôz o esforço a tal respeito realizado pela sua colonia.

E assim se féz uma larga discussão deste problema, reconhecendo-se que ele ha muitos anos vem merecendo cuidados e recebendo notavel impulso assim nas colonias portuguesas como no Sul-Africano.

Pode bem afirmar-se, a este respeito, que, não obstante todos os progressos que havemos realizado, nos encontramos ainda muito atrazados, em relação ás colonias portuguesas.

Por motivo das condições climatericas e ainda pela enorme extensão dos nossos dominios coloniais, a obra a realizar é, em verdade, muito mais complexa e dificil.

E as comunicações dos srs. Vassol, Letonturier, Heckenroth e Noque mostram quão notaveis progressos temos realizado e que, se a tarefa que nos resta acabar é ainda grande, a verdade é que temos conseguido resultados que muito honram os nossos serviços de saude.

As outras sessões foram consagradas ao estudo das grandes doenças endémicas — anckylostomiose, a doença do sono, a lepra, a sifilis, a tuberculose e a epidémiologia, resultando dai um entendimento sobre as condições de organização dum plano comum de combate.

Mas, ao mesmo tempo, deliciosas excursões, como de turismo, nos haviam sido preparadas e organizadas, em ordem a fazer conhecer aos congressistas as riquezas de Angola e para nos mostrar a bela obra de assistencia realizada por Portugal em favor dos indigenas de Africa.

E foi no decorrer destas excursões que eu pude apreciar todo esse esforço realizado, que vou tentar resumir neste artigo.

*

* *

Angola, sob o energico impulso do seu Alto Comissario, general Norton de Matos, o organizador do exercito português que veio á Grande Guerra, vai em caminho de se desenvolver com actividade.

Uma breve descrição nos dará ideia da sua situação.

A provincia está completamente cortada de estradas para automoveis e por um caminho de ferro que se dirige para os altos planaltos de Huambo, Lubango e Malange, de clima previlegiado.

Duma fertilidade excepcional, a sua temperatura media é de 15° a 18°.

Encontram-se ai, nessas belas regiões que bem deviam atrair os touristes, a laranjeira, o limoeiro, a macieira, a pereira; e todos os legumes da Europa aí se dão e cultivam admiravelmente.

Ai existem grandes herdades em que se faz larga cultura de cereais, assucar, café, algodão e importante larga criação de gados, tudo em quantidade bastante para as necessidades de toda a provincia.

A riqueza e os atractivos d'aquelas regiões proporcionam ás populações brancas uma facil colonização, que inteligentemente dirigida, alí se está desenvolvendo.

A propria cidade de S. Paulo de Loanda, fundada ha cêrca de 500 anos e situada ao fundo d'uma admiravel baia bem protegida, vai em caminho de se estender para alem dos seus antigos limites: a sua população que era de 16:000 habitantes vai aumentando com o seu grande incremento comercial e exigindo já novas habitações.

O governo de Angola tem procurado ocorrer a esta necessidade fazendo construções de alvenaria e cimento; e estas habitações, frescas, elegantes e bem arejadas, se alinham ao longo de avenidas já abertas e que em breve formarão uma cidade nova.

O custo destas casas é apenas de 16:000 francos aproximadamente, permitintindo assim a construção de grande numero, sem prejuizo da sua duração e conservando sempre o seu risonho aspecto exterior.

Trabalha-se no alargamento do porto em que vão fazer-se obras de desassoreamento para permitir que os grandes paquetes possam acostar ao cais, se bem que já existe um canal suficientemente profundo para navios que não excedam mil toneladas.

A baia abriga, sem dificuldade, muitos navios de grande tonelagem e, entretanto, novos cais se vão construir. E' muito importante o movimento do porto e tudo indica que ele mais aumentará rapidamente.

* * *

Antes da abertura do Congresso fêz-se a inaugração da exposição agricola onde todos podemos admirar os productos da provincia bem distribuidos e catalogados: o pavilhão das madeiras, onde, como na Exposição Colonial de Marselha, se encontrava expostos exemplares de madeira de construção e de marcenaria, com o seu nome indigena, a sua aplicação comparada com a da Europa e o local da sua produção: o pavilhão do algodão, da borracha, dos cereais e frutos produzidos em Angola.

Nas vitrines estavam expostos diamantes, amostras de cobre, de carvão, e de pedras preciosas, tudo riquezas da colonia.

O sub-solo de Angola contem, em verdade, minerais e metais preciosos.

No proprio distrito de Loanda existem diamantes, e a sua exporta-

ção, calculada em pezo, foi de 33:529 quilates em 1920, de 76:167, em 1921, e de 98:682 em 1922.

O distrito de Quanza-sul tem minas de carvão que começam agora a ser exploradas.

Encontra-se tambem o ouro no distrito de Lubango nas margens do rio Cuito e lá se encontram tambem o cobre e diamantes.

O distrito de Loanda possue tambem jazigos de petroleo em que se estão fazendo sondagens para avaliar da sua extensão.

Alem disso, a colonia produz oleos, algodão, milho, assucar, piteiras sobretudo no distrito de Malange, que é o mais fértil, e onde se encontram as maiores explorações de pastos para engorda de animais.

E' assim que o movimento comercial tem aumentado em grandes proporções nos ultimos três anos.

Em 1920 as importações foram de 26:000 toneladas, e de 66:500 as exportações: aquelas foram de 47:000 toneladas em 1921 e 37:000 em 1922, e, de 78:600 as exportações em 1921 e de 83:700 em 1922.

* * *

Angola é servida pelos melhores portos na costa ocidental, depois de Dakar.

O de Lobito, proximo de Benguéla, uma baía natural formada por um banco de areia, é vasto e de facil acesso a toda a hora.

A sua profundidade é tamanha que os navios de maior tonelagem podem vir até á praia, e é até motivo de maior admiração para os viajantes verem dirigirem-se contra a areia 2 ou 3 navios de 7 e 8:000 toneladas.

Existe lá uma muralha vertical formando um cais acostavel natural.

Os portugueses têem sabido aproveitar admiravelmente esta feliz disposição natural, construindo a distancia uma linha de cais que virá facilitar e aumentar consideravelmente o trafego deste posto, permitindo que 5 ou 6 grandes navios acostem ao longo da linha de caminho de ferro que tambem está já em construção.

Outros estudos vão ser abertos e outras linhas de caminho de ferro vão ser construidas. Os respectivos projectos referem-se a Porto Alexandre e á Baía dos Tigres, cuja disposição é análoga á do Lobito.

Por toda a parte, emfim, se constata uma energica tentativa no sentido de valorizar e transformar essa colonia já tão prospera.

Se esse esforço se mantiver — e nenhuma razão ha para que não continue — Angola em breve se tornará uma das mais ricas colonias africanas. A obra do general Norton de Matos é, sob este ponto de vista, semelhante á que empreendemos em Marrocos e bem poderá dentro de alguns anos, produzir os brilhantes resultados que dela se esperam.

Dr. L. Tanon

Professor da Faculdade de Medicina

Encarregado do curso do Instituto de Medicina Colonial

ALTO COMISSARIO DE MOÇAMBIQUE

Segundo telegrama de Londres, o sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho deve dali partir em um dos primeiros dias de outubro, com destino a Lourenço Marques, afim de assumir o exercicio das suas elevadas funções de Alto Comissario da Republica naquela provincia.

A sua chegada a Moçambique vem abrir uma era nova, de assinalada prosperidade, naquela nossa maior colonia do Oriente, pelo aproveitamento e exploração das suas imensas riquezas, na execução do vasto plano de administração que o sr. Victor Hugo elaborou e vai fazer cumprir com o criterio e decisão ponderada de que tem dado sobejas provas na sua já longa vida publica.

Sabemos que a causa da civilização vai merecer os seus cuidados com a atenção que tão importante assunto reclama.

Para a sua resolução bem pode s. ex.ª contar com o esforço e com a dedicação das missões civilizadoras.

Elas não pedem previlegios. Instituição portuguesa constituída por portugueses, pretendem apenas das autoridades do seu pais os meios necessarios para poderem trabalhar, bem cumprindo o seu dever e honrando o nome português.

Mui pouco é o que êlas pedem.

Bem legitima e bem patriotica é a sua aspiração, que elas agora alimentam com segura confiança — a que lhes dá o homem de estado que em bréve dias vai assumir o supremo govêrno da colonia a quem enviam as suas saudações todos aqueles que nesta cruzada trabalham com fé inquebrantavel e com devoção patriótica.

Governador geral de Moçambique

Durante a ausencia do Alto Comissario tem estado a exercer interinamente as funções de governador geral de Moçambique o sr. Dr. Manuel Moreira da Fonseca, um dos mais integros juizes do Tribunal da Relação daquela provincia.

O sr Dr. Moreira da Fonseca é um distinto colonial com profundo conhecimento daquela colonia, que já em outras ocasiões tem administrado, sempre com muita inteligencia e bom criterio, e foram essas provas de competencia, tão assinaladamente dadas, que novamente o indicaram ao governo para mais uma vez ocupar esse elevado cargo, e ao Alto Comissario para a escolha, que dêle fez, para secretario provincial do interior, para que foi nomeado por decreto de 12 de junho findo.

A ambos enviamos as nossas felicitações — ao sr. Dr. Moreira da Fonseca por lhe terem sido reconhecidos os seus merecimentos por forma tão honrosa e de tamanha confiança; ao sr. Azevedo Coutinho por ter chamado para seu colaborador funcionario de tamanha competencia e valor.

PELO EXTREMO ORIENTE

MACAU PITORESCO

Quem vem de Hongkong, a primeira coisa que avista de Macau, é o Farol da Guia, obra dos nossos antepassados, que, no conceito dos navegantes, muito nos honra, por êste farol ser o mais antigo das costas da China.

A cidade, oculta, como está, pela elevada colina em que assenta o farol, só se descobre, quando o navio entra no Porto Exterior, uma ampla baía que se acha situada entre a Península de Macau e a Ilha da Taipa.

*

Ora, por falta da devida propaganda, tanto no estrangeiro, como na metrópole, liga-se geralmente á antiguidade da colónia portuguesa na China a triste idea de que Macau é uma cidade velha, pobre, atrazada, com imundos casebres, palhotas e tegúrios palustres, habitados por chineses miseraveis, em volta de meia duzia de casarões sombrios, meio arruinados, onde vegetam os militares da guarnição e os empregados das repartições civis, no pequeno âmbito duma acanhada peninsula, sem jardins, sem alamedas, sem perspectivas panorâmicas, sem movimento comercial, sem, emfim, a mais pequena manifestação de progresso.

Eu, pelo menos, assim pensava, antes de conhecer *de visu* esta nossa remota colónia.

Todavia, se ao desembarcar em Nova Goa sofri uma cruel decepção com a aparencia decadente, quasi miseravel, da *nova* capital do Estado da India, em compensação ao chegar a Macau, que eu julgavapior, fiquei não só alegremente surpreendido com o importante progresso da cidade, como também bastante maravilhado com as belezas naturais desta verdadeira Nice do Extremo-Oriente.

M. A. Amor, como voluntario na defesa de Macau

*

Com efeito, logo que o lindo barco costeiro, que me trouxera de Hongkong, o «Sui An» (poético nome, que, segundo os sinólogos, significa *cisne*) penetrou na vasta baia

MACAU. Um quarteirão no cais

do Porto Exterior, surgiu, pela direita, a perspectiva da Praia Grande, esboçando-se numa elegante linha curva pejada de casas vistosas, ao longo duma avenida arborizada, que a reflexão do imenso espêlho de prata da enseada fortemente iluminava.

Focando o meu binóculo para bem observar os detalhes, avistei, por detrás do renque de árvores verdejantes que orlam aquela avenida marginal, as fachadas artísticas de palacios de paredes brancas ou levemente coloridas. E nas voltas caprichosas da linda curva da avenida, as ondas beijavam um muro baixo de alvenaria, roto aqui e alem, na entrada de minúsculos cais, onde estacionavam alguns barquinhos.

No plano imediato, sôbre colinas de pequena elevação, estende-se a casaria, coroada por algumas torres de igrejas e pela antiga Fortaleza do Monte.

Tudo harmonizado nas linhas e nas côres e nitidamente destacado pela imensa cortina escura da Ilha da Lapa, que lhe serve de fundo.

Tal é a beleza encantadora do soberbo painel formado pela enseada da Praia Grande, que já alguem teve a feliz idea de a comparar á famosa baía de Nápoles.

*

Com esta magnífica impressão, dobrei, pouco depois, a ponta da Barra, que é o extremo da península.

A avenida marginal continuava, sempre arborizada, ao longo da costa, mas ainda deshabitada para êsse lado, torneando uma colina erma e escalvada, onde emergem amontoamentos de penedos escuros. No extremo da península surgem, outra vez, as habitações. Sôbre as paredes brancas duma antiga fortaleza, as bocas negras dos canhões lá estão a assinalar o nosso velho poder militar em terras do

Celeste Império. E as sentinelas vigilantes, junto das guaritas, ainda hoje são garantia segura de que êsse poder não pereceu.

Repentinamente o scenario mudou, deparando-se-me o outro lado da cidade, até aqui oculto pelos acidentes do terreno.

Estava agora entre Macau e a Ilha da Lapa, no chamado Pôrto Interior, que é um largo canal, quasi sempre coalhado de juncos, lorchas e sampanas, estancionando junto dum cais extenso e muito movimentado, a denunciar nesse pitoresco conjunto uma vida marítima tipicamente chinesa, sempre laureada pelo trabalho, pela luta, pela tenacidade, através dos séculos, apezar de perturbada, de quando em quando, pelos golpes audaciosos dos piratas e pelas terriveis hecatombes dos tufões.

*

Desembarquei numa ponte-cais, de madeira, privativa da companhia inglesa, a que pertencia o vapor «Sui An». Deixei a bagagem aos cuidados dumas mulheres que a carregaram a pau e corda, revelando-se tão possantes carregadoras, que, em materia de força, envergonhariam os galeguitos que fazem fretes no pôrto de Lisboa. E, tomando um «jerinquechár» ou «riquechó», que é um carrinho puchado por um cule (trabalhador chinês) segui para o hotel.

O chinês do carrinho, trotando como um cavalo de tiro, levou-me pelo coração do bairro chinês, conhecido pelo «Bazar», onde pude notar que Macau tinha bastante comércio.

A breve trecho, deixava as ruas estreitas do Bazar e entrava na Avenida Almeida Ribeiro.

Nova surpreza consoladora para um europeu recem-chegado a Macau, como eu.

E' que esta artéria da cidade, recentemente rasgada atravês das vielas do Bazar, é um encanto. Muito larga, de pavimento cimentado, com um fio de lampadas eletricas ao centro, ladeada de predios novos com bonitas arcadas sôbre os passeios laterais, nada fica a dever ás sumptuosas ruas do bairro chinês de Hongkong. De um lado e doutro vêem-se as portadas de magnificos estabelecimentos chineses, cujos interiores artisticos são de madeira finamente esculpida e ricamente doirada. Depois, uma imensidade de taboletas de várias côres, com letras chinesas a oiro, colocadas verticalmente nas fachadas dos edifícios, fazem pensar ao forasteiro que a cidade se acha em festa. Junte-se ainda o grande movimento da população chinesa, em que se salientam homens de barretinho e cabáia comprida, semelhante á batina dos padres cristãos, e mulheres de cabáia curta e calções, traje êste que dá ás raparigas a aparência exquisita de rapazinhos em pejama, para se fazer idea do aspecto original, deveras pitoresco, que a Avenida apresenta.

E' como se vê um verdadeiro primor da vida e da arte chinesa e, ao mesmo tempo, uma bela manifestação do progresso da nossa colonia.

Ao chegar ao extremo da Avenida Almeida Ribeiro, encontrei o hotel destinado aos europeus. Chamava-se *New Macao Hotel*, titulo

nada patriótico, como se vê, mas que se desculpa, por ter o intuito inofensivo de servir de isco para atrair o viajante inglês, quasi sempre teimoso em não aprender senão a sua lingua materna...

Esplendidamente situado num dos ângulos formados pela avenida Almeida Ribeiro e a Avenida da Praia Grande, naquela linda curva que eu avistara ao entrar no Porto Exterior, o edificio do Hotel, para tal fim construido, tem uma bonita aparencia e é bastante limpo, qualidades essenciais para captivar os hospedes.

* * *

No dia em que cheguei, percorri, de automovel, toda a peninsula de Macau.

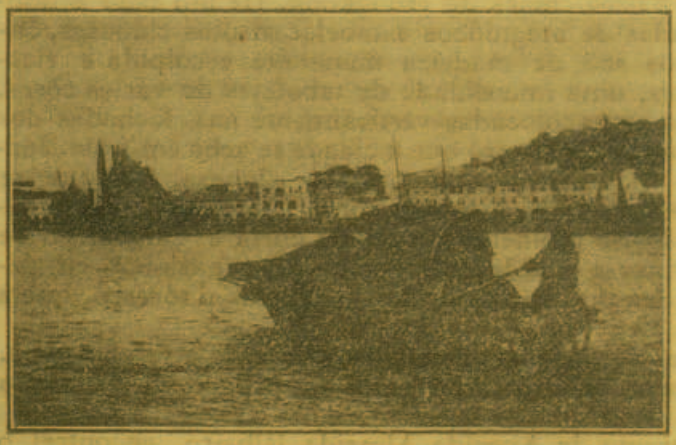
A esplêndida impressão que tivera ao entrar na cidade, não diminuiu; antes aumentava a cada passo, de surpreza em surpreza.

A minha admiração fazia-me exclamar entusiasmado, com o legitimo orgulho de aquilo ser português, de ser obra dos nossos antepassados:

—Não podia imaginar que Macau fosse uma cidade tão linda! E' uma maravilha!

De facto, logo ao sair do hotel, ali mesmo, na Praia Grande, eu via palácios, duma beleza encantadora, com fachadas artisticas, de estilo europeu, onde não faltam as colunas greco-romanas para lhe aumentar a sumtuosidade. Entre êsses palácios pertencentes quási todos a chineses multi-milionarios, destacam-se a residência do Governador e o edificio das repartições publicas, que são do Estado.

Na extremidade da Praia Grande estão os jardins e os quarteis de Santa Clara e São Francisco, mais o edificio próprio do Grémio militar, rodeados pelo arvoredo frondoso, que reveste a colina em que assentam. Coroam a colina um grande hospital e um magnifico observatorio.



MACAU. O Porto interior. No primeiro plano uma sampana tripulada por mulheres.

Deixando a Praia Grande e seguindo pela rua do Campo, fui atravessar um bairro novo, cheio de luz e asseio.

Um pouco adiante está o Tap-Siac, com o seu campo arrelvado para jogos de crianças e as suas casinhas ajardinadas para europeus, mimosos e encantadores ninhos de amores, destinados,

sem duvida, a aumentar a alegria de viver aos funcionarios que lá residem.

E o automovel deslizando veloz por uma bela estrada, sob uma arcada verdejante, formada pela ramaria das acácias e das canforeiras que a ladeam, permitia-me respirar, a plenos pulmões, o fresco ar que empregnava o ambiente.

A' minha direita erguia-se agora a elevada colina da Guia, com a sua floresta de pinheiros novos, a mascarar os formidaveis canhões da melhor defesa de Macau. No ponto mais alto da colina alveja uma torre branca, e arredondada: é o Farol da Guia, que eu avistara do caminho de Hong-kong. E na falda encontram-se as alamedas da Avenida Vasco da Gama, os jardins e a fonte da Flora e alguns palacetes de elegantes perfis.

* * *

Voltando as costas á colina da Guia, entrei em Mong-Há, o sitio mais verdejante da peninsula de Macau.

Pela esquerda, palácios de multi-milionários chineses, com jardins cercados de muros, um vasto campo para jogos sportivos, em terreno novo, recentemente conquistado ao mar. Depois, lá mais ao longe, as obras do Porto Artificial, junto da Ilha Verde, já ligada á peninsula de Macau pelos novos aterros, descortinando-se atrás do maciço de verdura que reveste o monticulo da ilha e que certamente lhe deu o nome, as espirais de fumo que saem pela boca das múltiplas chaminés duma fábrica de cimento, a maior, segundo me consta, que existe no Sul da China. E na frente, entre bambuais verdejantes, aparecem jardins com retiros de verão e hortas duma frescura deliciosa.

(Continua) **Manuel Antunes Amor**

NORTON DE MATOS

Tendo sido elevada á categoria de embaixada a nossa legação em Londres, foi o sr. Norton de Matos escolhido para ocupar essa alta representação diplomatica.

Indiscutivel motivo é para felicitações ao agraciado, e nós lh'as enviamos, mui sinceras e calorosas.

Bem merecia da República esta homenagem quem com tamanha dedicação e inteligencia a tem servido e tão altos serviços lhe tem prestado.

Mas as nossas felicitações não são incondicionais: vão um pouco veladas de magoa — a de o ver deixar, porventura precipitada e inoportunamente, o Alto Comissariado de Angola.

O sr. Norton de Matos estava realizando ali uma grande obra, que não devia ter solução de continuidade: esboçou um plano de larga transformação que só êle bem podia e devia realizar.

Se, pois, com muito prazer o vemos ocupar a embaixada de Londres, é com pezar não menos vivo que o vemos deixar Angola.

ALTO COMISSARIO DE ANGOLA

Por decreto de 23 de agosto foi nomeado Alto Comissario da Republica e Governador Geral da Provincia de Angola o sr. tenente-coronel de engenharia, Francisco da Cunha Rêgo Chaves.

Estas noticias são habitualmente acompanhadas de elogios mais ou menos retumbantes, tantas vezes sem sentimento nem verdade.

Esta é das que suportam e legitimam todos os encomios.

Poucas vezes os governos da Republica terão feito escolha que mais completamente e a todos os respeitos corresponda aos melindres e ás dificuldades da função a exercer: raramente tambem um homem publico se terá visto ante problemas tão complexos e terá tomado sobre seus hombros cargo de tamanhas responsabilidades.

O novo Alto Comissario de Angola é, porem, alguem que, pelas suas qualidades de energia e decisão e pelas suas faculdades de trabalho e inteligencia, se defrontará triunfantemente com a dificil situação que, a tantas instancias, aceitou.

Dessa nossa segura confiança no triunfo da sua missão nos vem o entusiasmo com que aplaudimos a escolha do Govêrno e o prazer com que a êle o felicitamos.

E Rêgo Chaves, que sabe quanto o estimamos e admiramos, reconhecerá quão sinceras e calorosas são as nossas felicitações.

*

A posse do novo Alto Comissario de Angola realizou-se no dia 30 de Agosto. Finda éla fez s. ex.ª expedir o seguinte telegrama que disse ser o enunciado do seu programa de momento:

> *«Tendo prestado hoje compromisso de honra cumprimento V. Ex.ª e saudo todos os cidadãos que á provincia de Angola dedicam o melhor do seu esforço, da sua inteligencia ou dos seus favores. De todos solicito particular colaboração assegurando que desempenharei meu cargo como ponto de apoio aspirações colonia e procurarei realizar portanto uma obra cujas glorias e vantagens pertençam unicamente á coletividade posto de quem a Republica me confiou alto cargo.»*

Governador Geral de Angola

Foi nomeado para exercer, interinamente, o cargo de Governador Geral de Angola, durante a ausencia do respectivo Alto Comissario da Republica, o sr. Antero Tavares de Carvalho, funcionario mui distinto do quadro das alfandegas daquela provincia.

A escolha do seu nome para ocupar tão elevado cargo na crise dificil que atravessa aquela nossa colonia é a publica consagração dos seus merecimentos e mostra bem como eles são justamente apreciados no Ministerio das Colonias.

Movimento das Missões Civilizadoras

Pelo paquete de 1 de Julho regressaram a Lourenço Marques os srs. José Lopes Xisto, chefe da Missão *Miguel Bombarda*, com séde em Taninga e sua esposa, D. Elisa de Melo Xisto, agente de civilização na mesma missão, que á metrópole tinham vindo gosar seis meses de licença graciosa.

Foi nomeado chefe da Missão *Republica*, instalada no Luá (Quelimane), o agente de civilização Antonio Alberto Moura, que para ali partiu em 1 de Agosto, com sua esposa D. Alzira de Melo Moura e sua irmã D. Ana Elvira Moura. Acompanhavam-no quatro auxiliares, nomeados para a mesma missão.

Na Missão *Patria*, Inhambane, foi creada mais uma sucursal, com séde em Maxixe. Foi essa sucursal confiada ao agente de civilização, Joaquim José de Sousa, que, por esse motivo, com sua esposa e sogra, teve de deixar a sucursal *Esperança*, da mesma missão, que tão inteligentemente e com tamanha dedicação estava dirigindo, como bem o atestam algumas das impressões que do seu livro de visitantes transcrevemos no ultimo numero deste boletim, em que se presta homenagem ás faculdades de trabalho e zêlo do novel missionario, que neste boletim algumas cartas bem interessantes tem publicado.

Por ter casado com o auxiliar da Missão *Miguel Bombarda*, Francisco dos Anjos Alves, foi nomeada auxiliar da mesma missão e para ali partiu no vapor *Lourenço Marques*, a sr.ª D. Maria do Céo da Silva Teixeira.

Foi nomeado chefe da Missão *Camões*, de Moçambique, o agente de civilização, Luís dos Reis, que já interinamente estava exercendo esse cargo com muita competencia.

Casou em Proença a Nova, com o agente de civilização, sr. José Lourenço, da Missão *Miguel Bombarda*, a sr.ª D. Maria do Rosario Sequeira Lourenço, que da mesma missão foi nomeada agente auxiliar, por decreto de 24 de Julho ultimo.

Foi transferido, a seu pedido, para a Missão *Patria* o agente de civilização, sr. Antonio Ribeiro Vaz, que interinamente estava dirigindo a Missão *Republica*, a qual deixará logo que ali chegue o seu novo chefe, sr. Antonio Alberto Moura.

Foi nomeado agente de civilização para a Missão *Patria*, de Inhambane, o sr. José David e Silva, que no ultimo ano concluiu o curso colonial deste Instituto e para o seu destino seguiu pelo vapor *Lourenço Marques*. Acompanha-o sua esposa, D. Alice de Barros Mendes, uma inteligente e simpatica senhora, que da mesma missão fica fazendo parte e dela um valioso elemento será, pela sua actividade e pelas suas excelentes aptidões.

Foi nomeado agente de civilização para a Missão *Camões*, o aluno deste Instituto, Alberto Carlos Fernandes Pego, que no ultimo ano concluiu o seu curso, e para aquela missão deve seguir por um dos vapores d'Outubro.

No dia 26 de Julho realisou-se no Nesperal o casamento do chefe da Missão *República*, sr. Antonio Alberto Moura, com a sr.ª D. Alzira da Silva Melo, aluna que foi deste Instituto.

Foi um enlace a todos os respeitos auspicioso.

Antonio Moura é um dos melhores agentes de civilização das missões laicas, pelo seu são criterio e pela sua actividade, e um belo caracter: D. Alzira Melo, uma das mais distinctas meninas da sociedade sernachense, reune todas as qualidades para fazer a felicidade de seu esposo e dêle será sem duvida um precioso auxiliar, pela sua decisão e faculdades de trabalho.

A sr.ª D. Ernestina Amelia de Moura, agente auxiliar da Missão *Miguel Bombarda*, recentemente transferida para a Missão *Republica*, foi pedida em casamento pelo sr. Antonio Augusto Bernardes Branco, secretario da Circunscrição de Manhiça.

O agente de civilização em serviço na Missão *Miguel Bombarda*, Claudino dos Anjos Alves, que havia vindo á Europa por deliberação da junta de saude, regressou já á sua missão, completamente restabelecido da doença que o acometeu.

Por assim o terem solicitado, foram transferidos das missões de Angola para a Missão *Patria*, de Moçambique, os agentes de civilização, Manuel de Morais e sua esposa, D. Amelia Tarquinio de Morais, que actualmente estavam fazendo serviço na Missão *Cinco de Outubro*, encarregados da sua sucursal em Mussolo.

Por deliberação da junta de saude de Lourenço Marques, veio á metrópole acompanhada de seu marido, Luís de Oliveira, a agente de civilização, D. Ermelinda Teixeira de Oliveira, da Missão *Patria*, que aqui chegou ha poucos dias, já um pouco melhor da sua doença, felizmente.

A imprensa da capital, pelos seus principais orgãos — o *Seculo*, o *Mundo* e o *Diario de Noticias* — deu a noticia da partida deste pessoal missionario em palavras encomiasticas.

O *Rebate* referiu-se-lhe nos seguintes termos:

«*A bordo do* «Lourenço Marques», *partiu ontem para Moçambique, a missão laica preparada convenientemente, no Instituto de Sernache do Bomjardim, dirigido pelo nosso amigo e correligionario, sr. dr. Abilio Marçal. Os membros da missão, rapazes e raparigas em plena força da vida, vão animados das melhores intenções, com o proposito firme de prestarem os melhores serviços á Patria e á Republica. A bordo foi despedir-se o sr. dr. Abilio Marçal, que carinhosamente tem acompanhado o seu Instituto, fazendo-se representar pelo seu chefe de gabinete o ilustre ministro das Colonias. O sr. Alvaro de Bulhão Pato, interessado pela obra das missões laicas, telegrafou ao sr. Governador Geral de Moçambique, ordenando as maiores facilidades aos missionarios.*

Saudamos o simpatico grupo, fazendo votos pelo êxito dos seus trabalhos.»

O telegrama a que se refere o nosso presado colega o *Rebate*, na noticia que vimos de transcrever, foi expedido em 1 de Agosto, e é do teor seguinte:

«*930 Segue hoje Lourenço Marques pessoal missões civilizadoras, esperando Govêrno patriotismo V. Ex.ª acolha com benevolencia e carinho pioneiros civilização, facultando-lhe todos os meios morais e materiais para bom exito sua nobre missão.*

(ass.) *MINISTRO DAS COLONIAS.*»

Assim cumpriu o ilustre titular da pasta das colonias a promessa que fêz aos jovens missionarios que lhe foram apresentar as suas despedidas.

Este telegrama honra o ministro que o subscreveu.

Estas nobres e patrioticas palavras, ditas de tão alto e tão incisivamente, serão um forte incitamento para aqueles que no sertão africano se aventuram a sacrificios e a privações para ali implantarem a civilização portuguêsa, procurando bem servir a República na realização da sua missão historica como terceira potencia colonial.

Eles sabem que um ministro ha, ao menos, que por eles se interessa e os seus serviços bem compreende e aplaude.

E sem duvida as suas palavras não serão esquecidas por aqueles que teem de compreende-las e faze-las cumprir: e as missões civilizadoras vão ter, emfim, das repartições de Moçambique a protecção que autoridades portuguesas devem a uma instituição portuguêsa, o apoio que patriotas devem a quem, no cumprimento de seu dever, a sua patria pretende servir e engrandecer.

E esse dever élas o saberão cumprir devotadamente.

Pessoal das missões de Moçambique, que para aquela colonia partiu em 1 de Agosto, pelo vapor «Lourenço Marques»

Para a Missão *Republica:*

Antonio Alberto Moura, chefe, e sua esposa *Alzira da Silva Moura*
Ana Elvira de Moura
Zeferino Afonso de Campos, carpinteiro
Maria Julia de Campos, costureira
Secundino Fernandes, pedreiro
Eufemia de Jesus Freire, serviços domesticos

Para a Missão *Patria:*

José David e Silva, agente, e sua esposa *D. Alice de Barros Mendes*
Sebastião da Silva, sapateiro
Francisco Xavier Martins, alfaiate
José Venancio Leão, pedreiro
Clara Rôcho Leão, costureira
Antonio Marques Cordeiro, serralheiro
Justiniano José de Sousa, marceneiro
Madaléna da Piedade, costureira

Para a Missão *Camões:*

Jaime Alves Gago, carpinteiro
Antonio dos Reis, agricultor
Leopoldina de Mendonça Marques, costureira

Para a Missão *Miguel Bombarda:*

Claudino dos Anjos Alves, agente
José Lourenço, agente, e esposa *D. Maria do Rosario Lourenço*
José da Silva Veiga, agricultor
D. Maria do Céu da Silva Teixeira

Antes de partirem foram os novos missionarios recebidos, em audiencia de despedida, pelo sr. Ministro das Colonias, que para êles teve palavras de carinho e estimulo, afirmando-lhes o seu grande cuidado e interesse pela causa da civilização das nossas colonias e prometendo-lhes todo o seu apoio e alta protecção.

Deu-lhes s. ex.ª excelentes conselhos e fez-lhes interessantes recomendações, provindas da sua longa pratica de colonial distinto, que é, mostrando ao mesmo tempo como bem profundamente conhece este magno problema em todos os seus variados e interessantes aspectos, sem esquecer o dos nossos compromissos internacionais.

As palavras do ilustre ministro muito penhoraram os seus visitantes e em todos deixaram uma viva impressão.

CORRESPONDENCIA

DAS

MISSÕES CIVILIZADORAS

Da Missão "Candido dos Reis"

Meu Caro Sr. Director e meu bom Amigo:

Hoque, 13/IV/924.

Continúo a receber as suas cartas, que muito prazer me dáó, tão cheias de bons e patrioticos conselhos, que eu procurarei seguir, e por minha vêz continúo a dar-lhe tambem as minhas noticias a respeito desta missão, que prosegue em seu desenvolvimento,e a respeito do futuro da qual eu tenho as melhores esperanças e a maior confiança.

E' uma obra nova, que tem levado muito tempo a lançar, mas que começa agora a surgir e a *vêr-se*, o que quere dizer que começamos a vêr o nosso trabalho, o nosso esforço, a realização dos nossos sonhos e da nossa ambição.

As duas oficinas continuam em prometedora laboração. Andamos agora em experiencia de uma outra exploração — fazer telha e tijolo, o que será dum grande alcance para a missão. Parece-me que temos barro excelente.

Estamos á espera de pedreiros para vêr se continuamos e concluimos o internato, a escola, a enfermaria, etc., e vamos a vêr se ainda começamos a lançar as bases para o futuro bairro indigena, o que é tambem um pouco do nosso sonho — fazer desta missão um grande organismo e um grande centro de população, sobre a qual ela exerça a sua acção civilizadora mais intensamente e a todos os respeitos mais completa.

Diz v. em um folheto seu que um dos grandes objectivos e beneficos destinos das missões será o de se fazerem centros de futuras povoações. E' uma verdade: o proprio facto de se arrancarem as populações indígenas á sua vida nómada e errante, fixando-as e dando á sua existencia uma organização de povo civilizado, é já em si um acto de civilização, que as leva ao trabalho e a habitos de vida regular e permite que, assim, melhor e mais imediatamente se exerça a acção da missão, educando o preto na vida domestica, creando nele necessidades e proporcionando-lhe meios honestos de as realizarem, robustecendo neles a constituição da familia, base de toda a organização social e prestando-lhe a assistencia que lhe devemos.

E' alem disso o melhor meio de expansão da nossa lingua, que

não será falada sómente na escola e na missão, mas que ha de ser das habitações e de toda a povoação.

Sobretudo é preciso prender o indígena á terra, estabiliza-lo.

Para isso, é preciso dar-lhe trabalho e remunerar-lho com objectos que ele logo aproveite — de vestuario, de bem estar, de alimentação e outros. Uma criança a quem se vista um bibe não mais o quere largar e quere logo um mais bonito e melhor do que o do seu companheiro. Somos todos feitos da mesma massa!...

E' preciso interessar o preto na cultura da sua terra, para satisfazer as suas necessidades e as de sua familia, e dignificar a mulher.

Sem duvida que dificuldades encontraremos, mas com paciencia alguma coisa se ha de conseguir.

O local é bom, é mesmo excelente, para a Africa. A estrada para o Lubango vai quasi pronta e isso é dum grande alcance.

Emfim, sr. director, isto vai caminhando e é já mais do que uma promessa. Começa a surgir do sólo ao calor do nosso carinho e da nossa dedicação.

O que é preciso é que nos amparem, que ajudem o nosso esforço.

Contamos para breve com a visita do sr. governador. Creio bem que ele ha de ter e levar de nós e do nosso trabalho boas impressões que melhorarão o seu juizo.

Eu estou ancioso porque ele venha. E' um bom funcionario: ha de fazer-nos justiça e reconhecer que este orgão civilizador bem merece a sua proteção.

Como v. sabe, uma das grandes obras da missão é a assistencia medica ao indigena e nós a temos realizado com extraordinario exito, não só na missão mas tambem saindo para o mato a visitar os enfermos.

Mas esta nossa obra é já tão grande que para ela é insuficiente a nossa ambulancia. E' precisa uma farmacia. Temos, porem, uma grande dificuldade em adquirir os medicamentos, pois existe uma portaria que muito limita as especies e quantidades que pode fornecer o laboratorio de Loanda, que aliás está muito bem montado.

Não poderia conseguir-se que se abrisse uma excepção em favor das missões, fazendo-se-lhe um mais largo fornecimento?

Bem justa me parecia esta concessão em favor duma instituição do Estado e para obra tão humanitaria.

Eu estou até em falar neste assunto ao sr. governador quando fôr da sua visita, mas bem poderia v. intervir daí no caso.

*

Eu vou-me dando por aqui excelentemente. Parece que a Africa é a minha terra.

A principio tinha o meu receio desta *bicharia* e das trovoadas. Estou já familiarisado. Dou longos passeios aos domingos que é o meu dia certo de visita aos doentes.

A missão tem a simpatia do preto.

Começa a ter um bom nome.

Chamam-me o *quimbanda*, que quere dizer medico. Tambem me chamam *aitutumbá*, que quere dizer homem de força, por eu ser um pouco alentado.

Num dos ultimos domingos fui vêr uns doentes a uma maior distancia daqui — a uns 12 quilometros.

Foi um lindo passeio.

Atravessei o rio ás costas dum preto, e, no regresso, como o dia estava bonito e um pouco fresco, subi a um monte que aqui ha, perto, chamado o monte do Hoque. E' um povoado de *macacaria*, com exemplares muito interessantes.

Que lindo panorama!

De lá se avista o belo planalto da Huila, mais alem a serra da Chibia e ao longe, muito ao longe, outras serras a limitarem tão vasto horisonte.

Aquilo é bélo e hei de lá voltar, que desta vêz não me pude demorar.

Começou a encastelar-se ao longe uma trovoada e eu achei de boa prudencia, pelo sim pelo não, regressar á m'ssão. As trovoadas por aqui são medonhas, pelo menos para mim, que ainda não pude acostumar-me a elas. Até me parece que ando surdo! Que horror!

E não me enganei: os ultimos quilometros já tive que caminha-los a *marchas forçadas* e já não me livrei duma boa molha!...

O que certamente ao sr. director o não interessará muito, mas que aqui vai para um pouco amenisar esta carta.

O Adriano e a senhora vão bem, comparticipando vivamente das minhas esperanças e da minha confiança. Os pequenitos muito interessantes. Vivemos todos muito bem: a missão é uma familia. Enviam os seus cumprimentos e eu, sr. director, um abraço mui carinhoso, como amigo que muito lhe quere e o considera,

Marcelino Nunes Mendes

Da Missão "Lusiadas"

Luana, 6 de Abril de 1924.

... *Sr. Director:*

Só agora, ao chegar a Luana, me foi entregue a carta que v. teve a amabilidade de me dirigir. Em cada uma das suas linhas faz v. transparecer a esperança que o anima e a fé que tem no nosso esforço para engrandecimento desta Instituição que nos propozemos servir, proclamando bem alto cá no sertão africano os ideais que nos iluminam e honrando-os com o nosso trabalho, reagindo contra a apatia e a desorientação das modernas gerações.

A' sua carta, que li com viva satisfação e bem sentido jubilo, me

apresso a responder e pela breve descrição que lhe vou fazer da nossa viagem até aqui, terá v. conhecimento das razões que me teem demorado esta resposta.

Será escrita ao correr da pena, dasataviada e sem elegancia de estilo, que ás minhas palavras poderiam dar mais interesse, mas não mais clareza. Simplicidade de palavras como simples é o que vou dizer.

*

A carta de v. foi para mim duplamente agradavel. Em primeiro logar pela fé que me comunicou e pelo entusiasmo que em mim fez vibrar — a fé que v. tem no triunfo desta causa e tão bem nos sabe transmitir — e pela confiança que tem no nosso esforço: em segundo logar por vêr que v. através as linhas da minha primeira carta, escrita logo á minha chegada, descobriu a minha inquebrantavel decisão e boa disposição, que as minhas palavras imperfeitamente expozeram mas que v. admiravelmente compreendeu.

Transcrevo da carta de v. estas palavras que são como que uma oração de religioso patriotismo:

«*O vosso esforço tem de ser feito de sacrificio e de paixão, com dedicação e entusiasmo: a vossa obra não pode ser um trabalho mercenario, tem de ser o culto e ancia dum ideal: é preciso pôr nela um pouco da alma, para que ela tenha vida.*

Doutra forma será uma obra de artificio, que logo estiolará.»

Assim é, assim tem de ser e não tenha v. duvida que assim será.

A nossa obra terá sentimento — o sentimento do dever a cumprir com a compreensão das nossas responsabilidades para corresponder-mos á confiança que em nós depositam, e terá a paixão que vem da fé viva com que abraçámos esta causa, que será o que fôr o nosso trabalho e o valor que lhe der o nosso esforço, e do orgulho que temos de sermos os pioneiros duma civilização que temos de honrar honrando esta patria gloriosa e honrando-nos a nós proprios.

Não lhe faltará o nosso entusiasmo nem a nossa dedicação, estimulada e robustecida na confiança que temos no triunfo deste ideal.

Não será mercenario o nosso esforço, que não foi a soldo duma centena de escudos anuais que nós vimos de percorrer 1:500 quilometros de sertão africano para nos virmos instalar em um clima inhospito, em terra de pretos sublevados!

Não esqueceremos a divisa que a lei deu ás missões — o belo verso de Camões — «*Gloria vã não pretende, nem dinheiro*» — que nós saberemos honrar.

E dar-lhe-hemos com alma todo o nosso sacrificio e todo o nosso carinho e o nosso amor por esta patria que servimos e queremos que continue a ser grande e gloriosa.

*

A nossa viagem até ao Mussolo decorreu sem incidentes.

Chegamos em 18 de julho e ali ficamos fazendo um estagio de 30 dias, por ordem de s. ex.ª o Alto Comissario.

Passado êle, foi o Rascão a Malange afim de adquirir algum material para as oficinas e outros objectos necessarios á instalação da missão, e dali regressou com tudo, disposto a seguirmos para Saurimo.

Mas faltavam os transportes e só em outubro, pela boa vontade do sr. governador, se poderam conseguir, e ainda assim sómente para dois: veio o chefe e o José Nunes. Ficamos lá eu e o Pinto aguardando passagem para nós e procurando transporte para as bagagens — as adquiridas em Malange e as que trouxemos daí, do Instituto.

Só em novembro isso se conseguiu e com grande dificuldade! Mas nós ficamos ainda por indicação do Rascão, até que ele tivesse local escolhido e começado a instalação da missão; e isso, que parecia coisa simples, foi de alguma dificuldade e sérias demoras, por se tratar de uma região em revolta.

Continuámos, pois, no Mussólo até novas ordens, trabalhando na *Cinco de Outubro*, auxiliando o Leitão, um excelente rapaz e um excelente chefe, de quem trouxemos e temos muitas saudades.

E trabalhar na *Cinco de Outubro* ou na *Luasiadas*, sempre era trabalhar pelas missões e pela mesma causa.

Finalmente veio a ordem e pozemo-nos em marcha em fevereiro, para Saurimo.

Em tipoia, que não havia outro meio de transporte, que, ainda assim, é o mais seguro, embora mais demorado.

Tinhamos 400 quilometros a percorrer pelo sertão africano, o que era sem duvida um rasoavel passeio, que para nós ia ser de tanta novidade e de tanta sensação.

Eis-nos, pois, em marcha. Abraços aos bons camaradas da *Cinco de Outubro* e cá vamos a caminho da Lunda, o país lendário dos diamantes e de tantas outras riquesas.

São, em verdade, interessantes e emocinantes os diferentes aspectos que nos vai oferecendo a paisagem tropical.

Que belo kaleidoscopio!

Cada dia e cada hora aspectos novos e profundamente diversos — densas e interminaveis florestas de arvores gigantescas, dentro das quais parece sempre noite: extensas chanas, longas planicies a perder de vista cobertas de gramineas.

Conforme a naturesa do solo, e os seus acidentes e a sua humidade, assim predominam as especies de plantas: acacias enormes, palmeiras gigantescas e elevadas a abrirem os seus leques por cima das outras arvores: trepadeiras enormes enroscando-se ás arvores e matisando-as de flores de variegadas cores, duma folhagem fresca e linda, dando a agradavel impressão de que cada floresta é um imenso jardim.

A nossa viagem foi sempre de impressões novas, de sensação em sensação: passando povoados e desertos: povos submissos e povos em revolta: caminhos movimentados e outros agora sem transito: sufocando de calor umas vezes, outras tiritando de frio: transpirando a valer ou molhados de violentas chuvadas: dormindo nos desçam-

pados ou nos postos, com agasalho ou sem conforto: pisando terra firme outras vezes chão alagadiço!

De tudo, emfim, tivemos nesta longa viagem, que algumas vezes nos perturbou o espirito mas que nem um momento nos quebrantou o animo nem nos fatigou o corpo.

Nunca tivemos uma febre.

Já é ter resistencia... e sorte!

Chegamos, emfim, á Lunda!

Daqui á missão é ainda um dia de viagem. Mas isso para nós é um pequeno passeio.

Passamos em Saurimo, que é a séde do distrito da Lunda, e ali fomos bem recebidos.

A boa e carinhosa recepção que ali nos fizeram retemperou-nos e confortou-nos.

Mas que grande decepção! Ainda viemos encontrar lá tudo quanto se destinava á missão!

Como se terá arranjado o pobre Rascão, nosso infatigavel chefe?

Fizemos seguir tudo para Camissombo, séde da circunscrição do Cassai-Norte, onde ainda estão á espera de carregadores, que temos dificuldade em aqui arranjar.

E daqui não saimos sem levarmos tudo comnosco ou adeante de nós.

E aqui estamos, a mais de um milhar de quilometros do litoral, sempre pisando esta terra portuguesa, torrão dos mais ricos do nosso patrimonio colonial.

Sempre terra de Portugal!

As canceiras, as privações, os sacrificios padecidos, nem já nos lembram.

Se fosse preciso marchar outras tantas centenas de quilometros, marchariamos com a mesma disposição e animo desprendido.

O que agora desejamos é seguir.

A nossa aspiração é chegar junto dos nossos camaradas e começar a trabalhar nesta grande obra da civilização: hastear a nossa bandeira, ensinar a nossa lingua, curar o indigena e dizer-lhe que, como nós, eles são portugueses, que aquele farrapo é o emblema duma Patria gloriosa, que é a deles, que é a nossa!

Emquanto não partimos venho escrever a v. e agora já melhor o posso fazer.

E aqui tem o sr. director porque só agora o faço, enviando-lhe esta carta, pequena parcéla do muito que tenho a dizer-lhe e que em outras direi.

A todos dessa casa desejo

Saude e Fraternidade

e a v. envia afectuosos cumprimentos o seu muito amigo,

Rafael Marques

Da Missão "Duarte Pacheco"

Muxinga, 20-v-924.

Sr. Director:

Recebi a carta de v., a primeira que para aqui me escreveu, e devo confessar-lhe que ela produziu em mim uma grande impressão ao mesmo tempo de alegria e de reconhecimento.

Vejo que v. não pensa em promover a minha saída desta missão, satisfazendo, assim, ao meu pedido, e isso me satisfez em extremo.

Que quere v.?

Assentamos neste sertão africano onde nem uma barraca havia para nos recolher.

Tudo quanto existe e se fizer e criar — as culturas, as edificações, a afeição do gentio, tudo é o producto do nosso trabalho, da nossa dedicação e dos nossos carinhos.

Cria-se amor a tudo isto, acalentado por um grande sentimento patriotico, como só aqui se sente.

Esta civilização que nós trouxemos ao preto, em nome duma patria comum, ensinando-lhe a cultivar as terras, vestindo-o, curando-o e aliviando-o de suas enfermidades, atraindo a nós e ensinando a nossa lingua ás crianças ainda ontem tão arredias, todo o movimento, emfim, deste organismo civilizador, ao mesmo tempo que me faz uma pontinha de orgulho, prende-me e interessa-me como se tudo isto fôra meu e para o meu bem estar proprio.

E teria pena se daqui saisse agora: levaria saudades de tudo e de todos, não sendo das menores as que levaria dos meus bons companheiros.

Sobre os progressos e movimento da missão informações terá dado a v. o chefe a quem elas de direito competem.

Como v. já deve saber eu tenho a meu cargo a escola e a ambulancia. Para a escola estamos construindo uma casa que deve estar concluida em maio.

A ambulancia tem sido de excelentes resultados como obra de assistencia e como elemento de civilização.

Tem um movimento diario de 10 a 15 doentes. De vêz em quando saio para o mato tratar dos que á missão estão impossibilitados de vir.

*

Proximo daqui, a uns 90 quilometros, na região do Kabicolo, que fica entre Damba e Maquéla do Zombo, existe uma missão inglesa. Não tem influencia alguma na região e creio bem que com ela nos defrontaremos com alguma vantagem.

Não tem escola nem oficinas nem farmacia.

Sómente os canticos religiosos.

E' uma missão contemplativa.

A sua acção é quasi nula.

O indigena não se lhe mostra afeiçoado.

Logo que possa hei de aproximar-me daqueles sitios para melhor conhecer da sua situação e da sua acção.

E do que colher e observar direi.

Termino apresentando a v. os meus respeitosos cumprimentos com um abraço mui saudoso deste amigo muito grato e obrigado,

Joaquim Antonio d'Oliveira

Da Missão "Patria,,

Sucursal *Esperança* em Elén, — Zavala, 22 de Março de 1924.

Meu Amigo

DEVIA esta carta ser escrita quinze dias depois da minha ultima, como a v. prometi. Mas não me foi possivel.

Nessa data tinha eu mais de quatro alunos com a *gripe*. Minha sogra foi tambem atacada, em seguida adoeceu-me a minha pequena, e eu tambem não escapei, sofrendo, assim, a minha doença e a dos outros.

E' esta a peior epoca do ano. Tudo, porem, passou já, felizmente, e aqui estou a cumprir a minha promessa.

*

Pelo *croquis* junto verá v. o que se tem feito e o que ha a fazer: o que é a minha aspiração, quasi direi o meu sonho, e o que é esta pobreza, esta realidade, que me amofina, que me faz velho, por ter vontade, por querer trabalhar e não ter meios para isso!

Por ele verá v. a extensão de terrenos já desbravados para agricultura pertencentes á sucursal (uns 20 hectares); as largas avenidas, extensas ruas orladas de bananeiras, eucaliptos e outras arvores e uma larga estrada que serve para automoveis e nos atravessa os terrenos, ficando a missão entre ela e a antiga estrada militar.

Lá vão indicadas as povoações indigenas e no local do primeiro acampamento as palhotas da sucursal para a aldeia da missão, aquelas a tinta preta e estas a escarlate.

Para a escola pretendo construir uma casa de alvenaria, e outra para a enfermaria.

São agora os meus sonhos.

Os curativos — e v. verá pelos mapas que lhe envio quão numerosos eles são — tenho de faze-los á sombra de uma arvore... Uma tristeza!

A escola é uma mais que modesta palhota que nunca chegou a ter janelas e, se tem uma porta, isso se deve á obsequiosidade de um amigo. De civilização só tem a cal.

E o mobiliario escolar...

Das construções da missão é a casa de habitação a mais confortavel ou, antes, a menos desconfortavel. E' uma construção de pau a pique, coberta de zinco, com boas janelas de guilhotina, duas portas envidraçadas, cinco divisões, cimentada, tendo por fôrro uma especie de estu-

que primitivo, o que a torna muito fresca, e uma varanda aberta a todo o comprimento.

Como v. está vendo, um luxo!...

Mas tudo isto foi feito com o nosso trabalho e com a nossa dedicação, com uma misera dotação. Aos olhos do nosso carinho estas palhotas até parecem palacios.

Mas, se somos pobres, bem pobres em instalações, é esta rica e prospera no seu aproveitamento nos seus serviços e nos beneficios que presta á causa da civilização.

Os mapas juntos são um eloquente expoente do seu movimento e bem mostrarão a v., que nos tem sempre acompanhado com dedicação e cuidado, quão tenaz e presistente tem sido o nosso esforço, como ele tem obrado prodigios e com quanto espirito de sacrificio e com quanta devoção patriotica teem procurado cumprir o seu dever estes três portugueses a quem foi destinado este posto de combate na lûta contra a barbaria e na glorificação do nome da sua Patria!

. . . . . .

25 de Março

Volto a continuar esta carta que tive de interromper, e sabe v. para que? Para receber a visita do sr. Governador do distrito.

Fiquei radiante. A visita dum governador é um dia de grande gala.

E eu tenho por este uma grande estima e uma viva admiração.

E' um modêlo para funcionarios coloniais.

Sabia que ele vinha, mas não o esperava tão cedo.

Mostrou-se bem impressionado e deu-me a boa noticia de que esta sucursal vai receber parte dum subsidio que a circunscrição incluiu em orçamento.

Já ha muito se falava nisto, mas eu não tinha muitas esperanças.

Fiquei deveras contente e ia cá de mim para mim já fazendo contas, calculos e projectos — construir a escola — que bela vai ficar! A enfermaria e as oficinas. A sonhar!

Porque, de repente, tudo por terra.

Porque já não sou eu que vou executar essas obras!...

Eu conto a v.

Tendo sido ha pouco tempo extinta a circunscrição do Maxixe, ofereceu-nos o sr. Governador algumas das suas instalações, para se estabelecer ali uma sucursal da *Patria*, sob a minha direcção.

Como v. poderá verificar pelo mapa, a Maxixe fica em frente de Inhambane, do outro lado da baia, a uma distancia que se transpõe em um quarto de hora num gazolina.

Embora me sentisse extremamente lisongeado e muito reconhecido ao sr. Governador pela indicação do meu nome, eu preferiria ficar aqui. A sucursal da Maxixe, pela sua situação, pela sua visinhança doutras missões e por outras circunstancias que me dispenso de indicar, vai ser de muitas responsabilidades, não só como posto de combate, mas tambem como ponto estrategico, na concorrencia com as missões estrangeiras.

Alem disso, eu sinto-me aqui muito bem na convivencia com os meus pretinhos.

Isto que aqui está, modesto embora, pobresinho mesmo, é o produto do nosso trabalho, do nosso esforço, da nossa dedicação: quero-lhe como se fossem coisas grandes.

E a gente tambem vive um pouco de projectos, de sonhos!...

Mas não me era licito discutir nem hesitar, tanto mais que seria uma ingratidão para com a extrema gentileza de quem o meu nome indicou.

Lá fui, pois, com o Candido ver as instalações e lá encontrámos o sr. Governador, que foi para nós deveras amavel e nos prometeu toda a proteção e nos manifestou todo o seu interesse na realização deste seu projecto.

Ficamos de lhe apresentar uma exposição e um orçamento. Fui eu o encarregado de elaborar estes dois documentos, que sua ex.ª tem já em seu poder.

Sem duvida que o Candido lhe terá já dado conhecimento deste caso e da importancia que vai ter na vida da *Patria* esta sucursal, que vai ser pedra de toque das missões laicas.

Como só agora foi resolvida esta minha mudança não tenho ainda projectos assentes nem ideias bem definidas.

Vou estudar o caso e pensar.

Temos meios: o sr. Governador mostra-nos bem a sua boa vontade e na importancia da dotação começamos bem a sentir a intervenção da sua vontade e da proteção que nos prometeu.

Brevemente escreverei a v. sobre o caso e mais desenvolvidamente.

Vou deixar a minha *Esperança*, que nós começamos a fazer com o nosso trabalho e com a nossa dedicação.

Tenho pena. Até estas arvores me fazem saudades. Mas que fazer?

Deixar-me de sentimentalismos e marchar quando me chegar a ordem.

O que eu desejarei é que v. mande para aqui quem continue esta obra com carinho e devoção. Que nela não haja solução de continuidade.

Que ponha no seu trabalho o patriotismo que eu sempre puz no meu, com mais inteligencia, sem duvida, mas que não será com maior fé nem com mais vivo entusiasmo.

. . . . . .

Maxixe, 9 de Junho de 1924.

Recebi ontem a carta que v. me enviou com data de 1 de Abril e que muito lhe agradeço.

Era tempo, que já andavamos anciosos por noticias. Parece que aí não sabem como nós as apreciamos.

O *Boletim* nunca mais veio. A sua falta é daquelas que são insubstituiveis e de que nada nos consola.

De tempos a tempos cá nos aparecia com o seu recheio de noticias tão queridas e tão anciadas, de todos daí, do progresso das missões, dos companheiros espalhados por esta Africa nas canceiras desta nossa causa, tudo para nós dum interesse e duma alegria que só sentem e compreendem os que por cá mourejam.

A sua chegada era sempre dia de festa e alegria!...

Eu calculo quanta contrariedade o caso lhe terá causado e presumo que bem fortes tenham sido as razões que tenham motivado a sua suspensão e confiamos que v. saberá remover essas dificuldades.

Faça-o publicar, sr. director, faça, que é uma grande satisfação que dá a todos nós. (*)

Recebi ha pouco uma carta do Salgado com o seu retrato.

Mostra-se muito desanimado com a falta de recursos e de proteção e impacientes estão todos pela ida dum chefe.

Tem razão: um chefe numa missão è tudo.

Nesta parte a *Patria*, foi muito feliz, e a ele se devem os melhores dos seus progressos. O Candido é o mais seguro e brioso chefe de missão, de que v. pode dispor.

Digo-o com franqueza e com toda a justiça.

Não estou a lisongea-lo: presto homenagem á verdade.

Na *República* ainda não sabiam da ida do Antonio Moura.

Foi uma boa escolha. E' o melhor chefe que v. lhe podia mandar.

E' energico e inteligente: tem fé e faculdades de trabalho. E pulso rijo.

*

Não sei se v. reparou já que não lhe escrevo de Zavala, mas da Maxixe.

O que quere dizer, sr. director, que já deixei a minha *Esperança* e já estou na minha nova missão. Ha 12 dias.

E agora mãos á obra: fazer disto alguma coisa que honre a *Patria* e honre a instituição.

Insisto, por isso, em ponderar a v. que esta sucursal, pelos motivos que já expuz e v. compreende, carece pelo menos por agora de especiais cuidados.

Já dei inicio aos trabalhos escolares e tenho já 47 alunos. Terei de abrir um curso noturno.

Mas temos tambem de cuidar da educação profissional, abrindo oficinas.

O que desejo é que v. me mande artistas, logo que os peça, e bons, dos melhores que por lá tiver.

Estou aguardando o sapateiro, que já foi pedido. Preciso tambem de um marceneiro e nesse sentido vou escrever ao Candido para que o requisite, mas já vou prevenindo v. da requisição que vai receber para que não m'a demore.

Da câmara de Inhambane conto com 200 libras e bem assim com 100 da administração de Jangamo. E espero conseguir tambem alguma alimentação para os alunos.

E' preciso bem correspondermos pelo nosso zêlo e pelo nosso trabalho a estas boas vontades, para bem cumprirmos o nosso dever e bem realizarmos o nosso honroso objectivo!

E muito havemos de fazer, sem duvida.

(*) Os desejos desta carta, que eram bem os nossos tambem, já estão satisfeitos. Vejo que ainda não chegaram á *Patria* os ultimos numeros, e nesse sentido se vai providenciar.

Estou escrevendo muito á pressa para aproveitar um vapor que vai sair para Lourenço Marques, e breve escreverei com mais vagar.

Rogo-lhe muito, como grande obsequio, queira apresentar a sua ex.ma Familia os nossos cumprimentos.

E disponha v. dum amigo certo e

sempre obrigado

Joaquim J. de Sousa

Da Missão "Oscar Torres,,

Humpata, 10/6/924.

Meu ... Amigo e Sr. Director:

VENHO acusar a recepção da carta de v., que muito prazer me deu, como me dão sempre as suas boas noticias.

Os trabalhos da missão vão correndo bem. A *Oscar Torres* é já um organismo robusto e destinado a um futuro prospero e uma boa afirmação da eficacia das missões civilizadoras.

Eu estou muito animado, embora venha de sofrer uma grande contrariedade, motivo para legitimo desanimo, com a noticia oficial que acabo de receber, da exoneração do sr. Norton de Matos.

Foi para mim uma surpreza mui desagradavel. Muito lhe deve Angola e dentro dessa sua grande obra muito lhe deve a causa da civilização e em especial as nossas missões.

Viu o problema com grande atenção e com grande criterio e resolveu-o com mão firme e pontos de vista seguros.

Tive-o aqui por hospede, na sua casa proxima da missão: devia-lhe atenções que nunca esquecerei.

Vi como ele trabalhava, com que actividade e com que interesse pelos menores detalhes de todos os assuntos.

Esperava-o aqui e muito confiava da sua visita, em beneficios para esta missão.

Tenho dêle muitas saudades e não esquecerei que foi aqui, na Humpata, que êle fez e daqui datou o seu decreto n.º 300, que em bases tão seguras e esperançosas lançou as missões civilizadoras.

Quem virá agora?

*

Dou imensa razão a v., e ao seu parecer me submeto.

V. viu o caso melhor do que eu: é assim mesmo.

No Hoque tudo corre bem tambem.

Escrevemo-nos amendadas vezes, eu e o Adriano. Esperamo-lo em breve aqui com a esposa e os pequenos, que são mui interessantes e de quem temos vivas saudades.

*

Os nossos trabalhos continuam regularmente.

Ando agora a fazer, para os alunos, um balneario com banheiras de ciménto. Fica junto da levada que para aqui fiz correr do rio e é muito abundante. Foi uma bela obra e um grande melhoramento.

O balneario deve estar concluido dentro de duas semanas. Em seguida vou dedicar-me á construção da aldeia indigena, que me está preocupando a atenção.

Como a v. disse ha tempo, construí uma casa para dois alunos da missão, que casaram. Agora vão casar outros dois, e eu vou primeiro fazer-lhe a casa para sua residencia; uma casa de adobe, com 3 divisões.

Ficam fazendo perfeitamente a vida duma familia civilizada, sem contrariedade nenhuma e até com manifesto prazer.

Cortaram com todos os habitos cafreais.

Dentro de mui poucos anos teremos aqui uma povoação de pretos absolutamente civilizados, tendo por base a constituição da familia, com o respeito pela mulher, a procreação da prole, habitos de trabalho, ordem e higiene, o amor pelos filhos. Emfim, uma civilização que se esboça e se afirma.

*

Como já disse a v. e o meu estado de saude o exige e o de minha mulher, tenciono ir gosar aí alguns mezes de licença.

Já falei com o sr. Governador Freire Quaresma.

Vem da *Candido dos Reis* o Martins, mas tem de ir para lá alguem substitui-lo, que o Alvaro não pode ficar sósinho, e vir para aqui alguem auxiliar o Martins, que um só não chega para tanto trabalho.

E' preciso pois que v. mande dois agentes para tal fim.

Veja, pois, v. se pode manda-los com brevidade.

E bom seria que v. mandasse com eles os auxiliares pedidos, pelo menos a tecedeira, o funileiro e o encadernador. A *Vasco da Gama* tambem tem falta de artistas. (*)

Se v. assim o entender e o Marcelino desejar ficar aqui com o Martins, estou certo que o sr. Governador concordará e nesse caso o agente que daí mandar para aqui vai para o Hoque.

Ele esteve aqui ha semanas, a passar uns três dias comnosco. Gostei dele: é muito activo, dedicado e trabalhador.

Deve dar um bom missionario.

Por hoje termino, sr. director, enviando para v. e sua ex.ma Familia e para o sr. dr. Eurico e sua ex.ma esposa os respeitosos cumprimentos meus e de minha mulher.

E aceite v. saudações muito afectuosas do dedicado amigo que o abraça,

Manuel Correia da Silva

(*) Todo este pessoal está já proposto e pronto a partir. Deve seguir em um dos paquetes de outubro.

Da Missão "República"

Ex.mo Sr. Director

RECEBI esta semana a carta de v. de 2 de Abril e em primeiro lugar quero agradecer-lhe o acolhimento que deu ao meu pedido de transferencia para a missão *Patria* e calculo que com a chegada de sua Ex.ª o Alto Comissario para lá seguirei.

Vinha tambem com a carta a exposição que v. lhe fêz sobre as missões. O que lhe diz é de inteira justiça e de toda a verdade.

A nossa situação é realmente bastante precaria, pouco menos de que desesperada, e, se não nos for dado auxilio rapido e seguro, não sei o que será o dia de amanhã, tanto para as missões como para o seu pessoal.

As dotações e os nossos vencimentos são insignificantes.

Que os nossos ordenados sejam miseros ainda é de tolerar, á conta dos nossos sacrificios, sem deixar de ponderar que, se é verdade que não viemos para aqui para sermos ricos, não nos devemos todavia privar de cuidados que depauperem a nossa saúde e quebrantem as nossas condições de resistencia.

O que mais nos dóe é a exiguidade das dotações, que nos obriga a uma semiociosidade e não nos deixa fazer deste organismo uma missão prospera que nos honre e deixe mostrar de quanto nós somos capazes de fazer realizar triunfantemente o nosso objectivo.

Desanima-nos, aniquila-nos!

Depois lá vem os criticos e os julgadores de primeiras impressões como as suas criticas faceis...que ainda mais nos desesperam.

E o nosso desespero é maior quando nos comparam e nos proprios nos comparamos ás missões estrangeiras e aos seus progressos!...

Temos aqui perto, a um dia de viagem, uma missão inglesa. Sabe v. qual é este ano a sua dotação?

Duas mil libras!

Compare v. com a da nossa missão, que é como v. sabe de 6:500$00 ou sejam 50 libras!...

Bem sei que a Republica não pode pelas circunstancias financeiras e pela extensão dos seus dominios dotar as suas missões tão largamente. Nem é preciso.

Sou português, tenho de submeter-me ás condições do meu paiz e todos nós temos de suprir um pouco com o nosso esforço patriotico e com o nosso proprio sacrificio.

Mas para tudo há termos e com uma dotação de 50 libras no sertão africano é aniquilar energias inutilmente, estiolar as missões e darmos dos nossos propositos e da nossa capacidade civilizadora uma bem mesquinha demonstração ao indigena, ao extrangeiro, e não sei a qual deles com mais deprimentes efeitos.

E se na dotação alheia falo, é mais para ponderar quanto mal nos vão fazer nesta região aquelas duas mil libras, todas elas em propagan-

da contra nós, directa ou indirectamente, não sendo a menor a que resulta do confronto que o preto faz entre a nossa miseria, que não lhes dá nada e a riqueza estrangeira que lhes mostra explendor e desentranha em dadivas que são ainda hoje o melhor meio de convencer pretos—pretos e brancos!

Este ano pensa a missão em crear 5 sucursais pondo á frente d'elas pretos por eles educados, que sabem regularmente o português, é verdade, mas de que só usam nas suas relações com as autoridades portuguesas.

Alem da sua dotação em dinheiro, outras teem em material que de Inglaterra lhe vem frequentemente em caixotes.

Nós só recebemos o que nos vem do Instituto e ainda assim temos que pagar direitos. Como se fossemos estrangeiros!...

Isto é que é já fóra de todos os termos...

* * *

Aguardamos com anciedade a chegada do Moura e oxalá ele venha iniciar uma era nova para a *Republica*, e com certeza assim será, pelas suas excelentes faculdades de trabalho e inteligencia e recursos que S. Ex.ª o Alto Comissario sem duvida vai dispensar ás missões, deferindo aos justos e sensatos pedidos que v. lhe fez.

Logo que ele chegue seguirei para a *Patria*, para junto dos meus velhos amigos Candido e Leão. (*)

Aceite v. respeitosos cumprimentos dos meus colegas, bem como os meus, igualmente respeitosos e amigos, e mais uma vez lhe agradeço ter condescendido em propor a minha transferencia.

Tambem há dias recebi de v. as suas cartas de 9 de Janeiro e 9 de Fevereiro, esta ainda primeiro do que aquela, naturalmente por motivo da greve dos correios.

Tambem nos ultimos caixotes vinham os tres grupos fotograficos, que me esqueceu então acusar e agradecer e novamente me ia a esquecer agora.

Creia-me v. sempre muito amigo at. v. crd.º mt°. obg.º

Ile-Luá,
1 de junho de 1924

Antonio Ribeiro Vaz

(*) Antonio Alberto Moura deve ter chegado á Missão *Republica*, de que foi nomeado chefe.

Tem razão Ribeiro Vaz nas referencias elogiosas que lhe faz. Dêle muito esperamos e da proteção do Alto Comissario. Acompanha-o sua esposa, D. Alzira Melo, uma inteligente senhora, antiga aluna deste Instituto, que será na *Republica* um grande elemento civilizador.

Foram tambem alguns valiosos auxiliares e entre estes a irmã do chefe, D. Ana Elvira Moura. A *Republica* vai, pois, e em verdade, entrar em uma nova e brilhante fase como progonstica o auctor desta carta e nós esperamos do esforço e dedicação de todos.

Movimento da Missão "Patria"

Mapa do movimento da Ambulancia da Sucursal «Esperança» no ano de 1923

Curativos feitos	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total geral
Homens	42	72	188	27	27	71	33	27	127	71	28	27	730
Mulheres	95	108	139	91	43	38	57	42	98	29	15	23	773
Creanças.....	63	55	32	22	25	57	12	11	71	16	6	5	375
Total	200	230	354	140	95	166	102	80	296	116	44	55	1878

Mapa da frequencia escolar, doméstica, profissional e agricola

Frequencias	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Março (924)	Observações
Frequencia maxima	71	77	76	77	84	81	84	85	84	84	84	89	Está incluida uma média de 18 raparigas.
» minima	67	74	71	74	76	76	75	71	78	78	71	78	
Media diaria	69	74	73	75	81	78	81	80	82	82	80	87	
Frequencia regular	67	77	71	74	81	82	83	82	83	84	84	86	
» irregular	5	2	7	3	3	4	5	7	3	—	—	4	

Frequencia das oficinas e outros serviços durante o mês de Março de 1924

SEXO MASCULINO:

Carpintaria 4
Cosinha 6
Lavagem de roupa . . . 8
Emfermagem 3
Trabalhos em palha . . . 10

Fabrico manual de corda . . 5
Rede de corda 3
Extração de fibras . . (variavel)
Serviços agricolas . . . (todos os alunos)

SEXO FEMININO:

Costura e serviços domésticos . 17
Rede de corda 1

Serviços agricolas . . . (todas as alunas)

A NOSSA ACÇÃO COLONIZADORA

Do *Seculo* transcrevemos, com a devida venia, a seguinte informação do seu correspondente de Paris sobre as referencias do dr. Brumpt á nossa acção colonizadora em Africa:

Nos meios coloniais da Europa começa, emfim, a reconhecer-se o nosso esforço e os trabalhos que vamos realizando no cumprimento do nosso dever de grande potencia colonial e para legitimarmos a posse de tão dilatados dominios, e desse conhecimento tem vindo a justiça que se está fazendo á nossa acção civilizadora e ás nossas qualidades colonizadoras. Esta noticia e o artigo do dr. Tanon, que noutro logar publicamos, são disso uma bem autorizada prova.

Estas transcrições as fazemos com muito prazer, sobretudo por vermos a evolução que a nosso respeito se vai fazendo no mundo colonial.

PARIS.—Maio, 1924.—O dr. Brumpt, membro da Academia de Medicina de Paris, repetiu, no dia 2 do corrente, na Sociedade de Geografia, a interessante conferencia que fez, o mez passado, na Sorbonne, sobre «as colonias portuguesas». Na tribuna da vasta sala do «boulevard» Sain-Germain viam-se aos lados do presidente da Sociedade, sr. Cordier, membros do Instituto, o representante de Portugal e as mais conhecidas personalidades do mundo colonial francez.

Na sala, á cunha, destacavam-se os membros mais em evidencia na colonia portugueza de Paris.

O dr. Brumpt, produzindo a magistral descrição da viagem que efetuou, em junho do ano passado, ás nossas colonias das duas costas de Africa, acentuou—como fizera na conferencia da Sorbone—o alto valor modelar da nossa colonisação, que até pelo lado humanitario é digna de admiração geral.

Falando das «faustosas» instalações das roças de S. Tomé, citou alguns especimens de colonos portugueses, como o marquês de Valflôr, que só por si enobrecem uma geração de «edificadores de colonias».

Mais uma vez se referiu á «obra grandiosa» de Norton de Matos, em Angola; e concluiu—como na sua primeira conferencia—por recomendar a todos os paizes colonisadores o estudo e a imitação do «incomparavel monumento elevado pelos portuguezes á civilisação universal».

O dr. Brumpt acompanhou a preleção de projeções eletricas das roças «senhoriaes» de S. Tomé, da «linda cidade tão portugueza» de Loanda, do «porto magnifico» de Loúrenço Marques e de diferentes aspétos da vida indigena, em todas estas possessões, merecendo aplausos prolongados de todos os ouvintes.

Instituto de Missões Coloniais

RESULTADO DOS EXAMES DO CURSO GERAL DOS LICEUS

ALUNOS APROVADOS

CURSO COMPLEMENTAR

1.º ANO

Emilio Augusto Ferreira Mendes, filho de Luís Marcelino Ferreira Mendes, natural de Maçores.

Francisco Carolino Soares Amaro, filho de Joaquim Celestino Amaro, natural de Chibia — Angola.

João Ferreira Matias, filho de José Ferreira Matias, natural de Ceia.

José Fernandes Cravo, filho de Eduardo Fernandes Cravo, natural de Mação.

José Tomás Pires, filho de Manuel Antonio Pires, natural de Ferreira do Zezere.

Manuel Ramos Sequeira Ribeiro, filho de Francisco Sequeira Ribeiro, natural de Ferreira do Zezere.

2.º ANO

Alberto Carlos Fernandes Pêgo, filho de Francisco Maria Pêgo, natural de Trancoso.

Américo Vaz Rebordão Correia, filho de José Joaquim Correia, natural da Cumeada, concelho da Certã.

Anibal Alves de Moura, filho de José Alves dos Santos Ribeiro, natural do Pêso, concelho da Covilhã.

Antonio Nunes Costa, filho de José Nunes, natural de Pedrógão Pequeno.

Bento Ferreira Trindade, filho de Albino da Trindade, natural do Porto.

José David da Silva, filho de José David da Silva, natural da Galeguia—(Nesperal), concelho da Certã.

Julio Cézar Ribeiro da Cruz, filho de José Maria da Cruz, natural de Bornes—Macedo de Cavaleiros.

CURSO LICEAL

2.ª CLASSE

Abilio Augusto Garibaldi, filho de Alberto Garibaldi Herculano, natural de Carviçais, concelho de Moncorvo.

Abilio Mendes de Oliveira Pires, filho de José Augusto de Oliveira Pires, natural de Cardigos, concelho de Mação.

Acacio Alfredo Flores da Cal, filho de Manuel dos Santos da Cal, natural de Agrobom, concelho de Alfandega da Fé.

Afonso Antunes Antão, natural da Portela do Fojo, concelho da Pampilhosa.

Amadeu Augusto Nozes Tavares, filho de Alfredo Candido Nozes Tavares, natural de Mogadouro.

Amandio Alves de Carvalho, filho de Amandio Alves de Carvalho, natural de Alcaria, concelho do Fundão.

Americo Miranda Leiria, filho de João Isidoro Fernandes Leiria, natural de Lisboa.

Antonio Luís Macedo Martins, filho de Antonio Martins dos Santos, natural de Sernache do Bomjardim, concelho da Certã.

Antonio Manuél Zilhão, filho de Antonio Zilhão, natural de Carviçais, concelho de Moncorvo.

Antonio Maria Pereira, filho de José Luis Pereira, natural de Mogadouro.

Antonio Martins Romão, filho de José Martins Romão, natural da Zebreira, concelho de Idanha a Nova.

Antonio Peixoto Correia, filho de Julio Peixoto Correia, natural do Castelo, concelho da Certã.

Antonio da Silva Cordeiro, filho de Antonio Augusto Cordeiro, natural de Pinhão, concelho de Alijó.

Armando Baptista Cotrim, filho de Antonio Dias Cotrim, natural das Pias, concelho de Ferreira do Zezere.

Artur Augusto, filho de Maria Joaquina de Almeida, natural de Asinhoso, concelho de Mogadouro.

Augusto de Oliveira Santos, filho de Augusto Santos, natural de Penascoso, concelho de Mação.

Aurora Talassa, filha de Manuel Alves Catarino, natural de Proença a Nova.

Candido Nobre Baptista, filho de Elisa Nobre Baptista, natural de Lisboa.

Clotilde Romão, filha de Artur Maria Romão, natural do Mosteiro, concelho de Oleiros.

Emilia Barbara Lopes dos Santos Silva, filha de Carlos S. dos Santos Silva, natural de Manaus, (Brasil).

Eurico José de Morais Parra, filho de José Antonio de Morais Parra, natural de Bragança.

Fernando Hortencio de Figueiredo de Melo Esteves, filho de Maximo de Jesus Esteves, natural de Fonte Longa, concelho de Carrazeda de Anciães.

Fernando Lopes da Silva, filho de José Lopes da Silva, natural da Certã.

Manuel Ricardo Miranda Leiria, filho de João Isidoro Fernandes Leiria, natural de Lisboa.

Maria Emilia Belchior Rossi, filha de Augusto Justino Rossi, natural da Certã.

Rafael Alvares de Moura Campino, filho de Joaquim Nunes Campino, natural de Vila de Rei.

5.ª CLASSE

Abilio da Silva Nunes de Matos, filho de João Nunes de Matos, natural da Varzea dos Cavaleiros, concelho da Certã.

Anibal Augusto de Castro, filho de José Maria de Castro, natural de Santavalha, concelho de Valpassos.

Antonio Antunes Alexandre, filho de Joaquim Antunes Alexandre, natural de Sernache do Bomjardim, concelho da Certã.

Antonio Castilho Serra, filho de Francisco Gonçalves Serra, natural de Chaves.

Antonio Lucas Martins, filho de João Lucas de Moura, natural do Milreu, concelho de Vila de Rei.

Antonio Manuel da Silva Ferreira, filho de Julio da Silva Ferreira, natural de Alvaiazere.

Artur Alberto Pereira, filho de José Joaquim Pereira, natural de Moncorvo.

Francisco Nunes Corrêa, filho de Francisco Nunes Corrêa, natural de Tomar.

Francisco Salgueiro Alves, filho de Severino Alves Gago, natural de Mação.

Herculano Vaz Serra Rebordão, filho de José Vaz Serra Rebordão, natural do Souto da Casa, concelho do Fundão.

João Alberto Moura, filho de Francisco Inácio de Moura, natural de Castelo Branco, concelho de Mogadouro.

João Albuquerque de Oliveira, filho de José Jacinto de Oliveira, natural de Soure.

João Martins Lourinho, filho de Joaquim Martins Lourinho, natural de Castelo Branco.

João dos Santos Moreira, filho de Francisco dos Santos Moreira, natural de Donas, concelho do Fundão.

Joaquim Gomes Rascão, filho de João Gomes Rascão, natural de Salvaterra do Extremo, concelho de Idanha a Nova.

José Antunes de Carvalho, filho de Marcos José de Carvalho, natural do Sameiro, concelho de Manteigas.

José Maria Ferreira, filho de Francisco Ferreira, natural de Carvoeira, concelho de Torres Vedras.

José Nunes da Silva, filho de Antonio Nunes da Silva, natural da Certã.

José dos Santos Almeida, filho de Joaquim dos Santos, natural de Fatéla, concelho do Fundão.

José de Sena Lino, filho de Luís André de Sena, natural de Amieira, concelho de Niza.

José da Silva, filho de Manuel da Silva, natural de Tomar.

Laureano Leonardo Lereno, filho de José Joaquim Lereno, natural de Louza, concelho de Moncorvo.

Luís Castanho de Matos Belo, filho de Antonio Matos Castanho, natural de Mação.

Manuel Augusto da Rosa Alpedrinha, filho de Ana Miquelina da Rosa Alpedrinha, natural de Mação.

BIBLIOTECA
DO
Instituto de Missões Coloniais

OBRAS PUBLICADAS

Apontamentos sobre alguns medicamentos de urgencia, para uso das Missões Civilizadoras, por A. R. Martins.

As Missões em Angola e Moçambique — Resumo Historico e um Plano Missionario, M. Borges Grainha.

Employ of Prepositions, por Carlos Martins.

Fernão de Magalhães e a sua Viagem de Circumnavegação, por Antonio Ferrão.

Legislação sobre Missões Civilizadoras — Decretos n.os 3:352, 3:469, 5:778, 5:847-E e 6:322.

Regulameuto da Instrução Secundária — Decreto de 18 de Junho de 1921.

REGULAMENTO DA INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA
DECRETO N.º 7:558, de 18 de JUNHO de 1921

Um volume brochado . . . . . 3$00

ENCONTRA-SE Á VENDA NA LIVRARIA CORREIA PINTO,
RUA DE S. NICOLAU, N.º 73 — **LISBOA**

Instituto de Missões Coloniais

INTERNATO DE ALUNOS PENSIONISTAS

Neste estabelecimento são admitidos alunos internos pensionistas, para frequência do curso liceal. (Decretos n.os 3:352 e 3:469).

As condições do internato são as seguintes:

1.ª

A idade da admissão é dos 10 aos 13 anos.

2.ª

O preço da pensão é de 3:500$00, pelos dez meses de tempo escolar, de 1 de Outubro a 31 de Julho.

3.ª

Neste preço compreende-se alimentação, tratamento medico, roupas e mobilia de quarto.

Estes alunos não são obrigados nem destinados ás missões.

Banco Colonial Português

SÉDE

Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Telegr.: PROCOLONIA

Capital autorizado: Escudos: 100.000.000$

Capital emitido: Escudos: 10.000.000$

SUCURSAIS NA AFRICA ORIENTAL E OCIDENTAL PORTUGUESAS

CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO CONTINENTE, ILHAS E EM TODAS AS PRAÇAS ESTRANGEIRAS

Efectua todas as operações bancarias, descontos, transferencias, depositos á ordem e a praso em moeda nacional e estrangeira, pagamentos por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de Bolsa no país e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.